

Jairo Ferreira
Ana Paula da Rosa
Pedro Gilberto Gomes
Antônio Fausto Neto
José Luiz Braga
(Organizadores)

SAPIENS MEDIATIZADO
CONHECIMENTOS COMUNICACIONAIS
NA CONSTITUIÇÃO DA ESPÉCIE

FACOS-UFSM
SANTA MARIA-RS
2022

Sapiens Mdiatizado

Conhecimentos comunicacionais na constituição da espécie

O presente trabalho foi realizado com apoio de:

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)
Código de Financiamento 001

CNPq – Processo nº: 423948/2021-0

Fapergs - processo número 20/2551-0000562-3

Stint - Swedish Foundation for International Cooperation in Research and
Higher Education



**SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE
PESQUISAS EM MDIATIZAÇÃO E
PROCESSOS SOCIAIS**

S241 Sapiens mdiatizado [recurso eletrônico] : conhecimentos comunicacionais na constituição da espécie / Jairo Ferreira ... [et al.] (organizadores). – Santa Maria, RS : FACOS-UFSM, 2022.

1 e-book : il.

ISBN 978-65-5773-039-3

1. Mdiatização 2. Conhecimento 3. Comunicação I. Ferreira, Jairo

CDU 316.774

Ficha catalográfica elaborada por Lizandra Veleda Arabidian - CRB-10/1492
Biblioteca Central - UFSM



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

A construção comunicacional da realidade

The communicational construction of reality

*Ciro Marcondes
In memoriam¹*

Resumo: O texto apresenta a última conferência e debates públicos de *Ciro Marcondes Filho*, antes de falecer. Na apresentação, *Ciro* aborda a construção comunicacional da realidade, situando questões que considera centrais conforme momentos da história dos meios em relação com a da espécie (o diálogo e a pintura rupestre; a escrita; as tecnologias de reprodução; os meios massivos). A partir dessas questões, situa a problemática central: “Que novo homem está sendo engendrado por esta sociedade e que marca este momento decisivo da nossa cultura?”. No debate, aqui reproduzido com *José Luiz Braga*, *Aidar Prado* e *Isabel Löfgren*, atualiza essas questões e as cruza com sua perspectiva de nova teoria da comunicação.

Palavras-chave: Construção da realidade. Mídia-tização. Comunicação. Nova teoria.

Abstract: The text presents *Ciro Marcondes Filho*'s last conference and public debates before his death. In the presentation, *Ciro* addresses the communicational construction of reality, raising questions that he considers central according to moments in the history of the media concerning the species (dia-

1 *Ciro Marcondes* faleceu na semana posterior ao debate realizado após esta conferência. Conservamos o texto original de sua apresentação, alterando-o somente em busca de ajustes ao texto escrito. Na sequência, apresentamos o debate realizado com *José Luiz Braga* e outros pesquisadores presentes.

logue and cave painting; writing; technologies of reproduction; mass media). Starting from these questions, he situates the central problem: What kind of new man is being engendered by this society and marks this decisive moment in our culture? In the debate with José Luiz Braga, Aídar Prado, and Isabel Löfgren, reproduced here, he updates these questions and crosses them with his perspective of a new theory of communication.

Keywords: Construction of reality. Mediatization. Communication. New Theory.

1. Introdução

O tema desta comunicação é a construção comunicacional da realidade e como a comunicação interferiu nas formas de construção da realidade. Esse tema vai nos acompanhar até o final desta exposição.

A comunicação, a organização e a construção social da comunicabilidade são um tema que envolve tanto a comunicação quanto outros aspectos da sociedade civil, aspectos esses que são demarcados por uma grande divisão entre as próprias instituições, que terão como atividade colaborar na construção da realidade. A realidade não é um fato dado, não é sempre um fato onipresente. Ao contrário, a realidade é uma instância continuamente mutante e que exige continuamente esse ingresso de elementos da comunicabilidade para sua própria organização.

Claro que nem sempre a comunicabilidade tem a função principal, central, nela. A comunicabilidade é vista, é tida, é incluída como um coadjuvante, pelo menos nos primeiros tempos da história da humanidade. Eu diria que depois dessa fase primária, elementar, do diálogo e da pintura rupestre, é que marcaram uma certa outra teocracia. Nós tivemos, com a ascensão da Igreja como poder instituinte dessa mesma sociedade, e da própria cultura, uma mudança significativa neste sentido. A Igreja foi responsável por esse processo durante cerca de mil anos, em que a escrita e a ordem falada foram substituídas, principalmente a ordem falada, foi substituída pela leitura das Escrituras. A leitura das Escrituras significou o quê? Significou agora

que a sociedade precisaria aprender a decifrar, a interpretar, a ler os textos sagrados, porque eram esses que, na época, controlavam ou assumiam a prioridade social das próprias sociedades. Então, nós temos aqui uma sociedade em que o valor básico era como as coisas eram traduzidas para as pessoas, como os textos sagrados eram traduzidos para as pessoas, e a função agora, então, dos tradutores, dos hermeneutas, daqueles que tinham o trabalho de reproduzir os textos, foi e tornou-se o aspecto principal dessa mesma sociedade. Eu diria que se existe uma pergunta principal que se fazia nesta época, era: o que significa isso? Sendo que isso remete, claro, naturalmente, à questão da própria tradução ou na própria legibilidade dos textos de época.

Isso foi mudando, e no século XVI tivemos a grande virada, que foi a proposição cartesiana de divisão do ser em duas dimensões: um ser pensante e um ser extenso. Isso significava então toda uma revolução do pensamento que agora caminharia por dois lados que de alguma maneira se oporiam nesse processo como um todo. Mas, ao mesmo tempo, é uma sociedade que cria não apenas essa divisão, mas também a revolução tecnológica, uma revolução política e uma evolução social. Tecnológica porque significou a introdução da tipografia, que mudou um pouco a maneira como as pessoas passam a se relacionar com seus mundos. A tipografia veio trazer a reprodução dos livros e do material de leitura como um todo, não apenas religioso, mas também político, cultural, ideológico, enfim. E iria formatar também as mentes à medida que ela iria, digamos assim, reestruturar a maneira como as pessoas olhavam o mundo e os próprios textos. Significa, com isso, que aí haveria uma mudança básica na própria sociedade.

O que temos nesse momento, depois dessa passagem, é uma outra transformação, que introduziu nesse momento uma nova sensibilidade. Essa nova sensibilidade foi caracterizada por Espinoza, por Leibniz, e marcou em seu tempo e provocou também uma ruptura com o pensamento cartesiano da época, porque introduzia também conceitos que estavam fora do modelo de pensamento cartesiano básico. Mas a mudança principal não foi aí, a mudança principal ocorreu com a presença do filósofo Nietzsche, que trouxe para essas sociedades não apenas uma crítica à própria sociedade, aquilo que ele chamava de de-

cadência, mas também, além, é claro, da crítica à metafísica, ao historicismo e ao cristianismo, aportando conceitos novos, como o conceito de energia, o conceito de cor e o conceito de força. O próprio conceito de espírito é de certa maneira reintroduzido aqui por Nietzsche, que de alguma maneira recoloca a questão grega novamente em pauta.

E essa virada que marcou a sensibilidade foi uma virada que preparou também de certa maneira o terreno para as revoluções que viriam. Essas revoluções foram até anteriores à própria presença do filósofo e significaram: o aparecimento do povo como figura política proeminente; a esfera pública; o jornalismo e também as máquinas de registro e de reprodução. Essas máquinas reproduziam, na Segunda Revolução Industrial, as imagens e os sons em movimento através da câmera fotográfica, do fonógrafo, do cinema... É claro que isso não iria deixar a sociedade como antes. Fazem com que a sensibilidade se transformasse. E a nova pergunta que se faz nessa época era exatamente que nova sensibilidade está surgindo aqui nesse novo contexto.

Mas isso não termina aqui. Nós temos também, neste momento, o desdobramento disso que aconteceu no século XIX, que foi o aparecimento, no século XX, dos grandes *mass media*, que se tornaram proeminentes na condução política e na estruturação social, na maneira como os homens passaram a encarar a sua própria sociedade. Nessa época, no século XX, surgem as escolas de Comunicação, que nem sempre conseguiram muito bem dar conta da sua importância e do seu objeto histórico. Eu diria que a comunicação foi o fator mais importante do século XX, mas também no século XXI, quando ela passa também a assumir o papel principal na sociedade, e esse fato fez com que de fato se tornasse decisiva nessa construção da realidade a partir dos meios de comunicação.

2. A época atual

A nossa época não deixaria de ser a principal, a que mais nos interessa nesse momento, da comunicação, exatamente por ser o momento em que vivemos. É o momento em que hoje nós dedicamos a maior preocupação, o maior interesse em

discutir. Porque a comunicação, que, digamos assim, teria um papel secundário nos seus primórdios, e depois ela passou a ser importante a partir da tipografia, e de algumas transformações humanas que transformaram a sensibilidade em várias épocas diferenciadas, hoje ela se torna, ou, mais importante, digamos assim, o equipamento que nos combina, que nos organiza nessa vida social e, de certa forma, nos aprisiona. Por quê? Nós sabemos que os grandes meios de comunicação foram por muito tempo bancados, conduzidos, controlados pelo grande capital. E o grande capital fazia não apenas jornais, revistas, mas também investia na área cultural, no glamour, na forma como foram se desenvolvendo os meios de comunicação.

Não só agora, os meios impressos, jornais, revistas, mas o rádio, que aparece também nessa época, em 1918, e os demais aparelhos vão surgindo a partir dos anos 1920, especialmente a televisão e o cinema, que ocuparam também um espaço muito importante no imaginário social. Isso não é sem resultados, sem efeitos, sem impactos para a sociedade. Ao contrário, isto fez com que essas sociedades adquirissem uma nova dimensão neste momento, aquela dimensão que era, por assim dizer, passiva, na comunicação, passa a ser totalmente ativa. Característica básica desta época é que o homem possa deslocar-se do centro das atenções para uma periferia, graças aos aparelhos de reprodução que tomam seu lugar, que ocupam o seu lugar. Mais ainda: essas sociedades são marcadas pela ideia da imortalidade. Dentro dos meios de registro, as pessoas vão gravar suas vozes, seus movimentos, e se tornará, portanto, imortal. E poderão reaparecer como figuras proeminentes da vida social. Além disso, isso é também uma nova realidade, que é uma realidade mundial, marcada pela existência, pela produção de um novo plano, de um novo nível de sociabilidade, que é o plano abstrato, imaginário, e de produção de ideias, que será o novo plano de sociabilidades.

O que nós temos, agora, é o processo em que o grande capital (que banca tudo isso, que foi responsável pelo aparecimento das grandes máquinas, as máquinas de reprodução da Segunda Revolução Industrial, esses grandes aparelhos) mobiliza esses meios e os utiliza de forma ampliada, exatamente pela interferência das novas tecnologias e dos equipamentos técnicos que os homens vão utilizar. Então nós temos aí que a grande em-

presa comunicacional vai se tornar o pivô da grande mudança comunicacional que nós temos. E, do ponto de vista do usuário, esse novo aprisionamento da sensibilidade vai marcar uma terceira pergunta do nosso quadro de questões. A nossa terceira pergunta é: que novo homem está surgindo com isso tudo? Uma pergunta radical, porque parece que nós não nos identificamos mais, nós não conseguimos mais saber a nossa atribuição, em função daquilo que falamos anteriormente, do momento de se mover pela periferia, de imortalidade, de ser substituída pelos aparelhos e da criação dessa nova estrutura que seria a nova realidade mundial.

Com todo esse conjunto de perguntas, nós formulamos uma terceira pergunta para a qual não sabemos a resposta. Que novo homem está sendo engendrado por esta sociedade e que marca este momento decisivo da nossa cultura? Não sabemos, e essa é a pergunta que nos incomoda, que nos chama a atenção e que nos traz aqui para um debate que é, sem dúvida, um debate decisivo e que busca propor algumas questões principais para nós discutirmos em nossa era.

3. Debate

Bom dia, Braga, bom dia, Jairo, bom dia a todos. Eu não tinha consciência que o Jairo operava também com a agonística. Isso vai me ajudar muito, principalmente porque eu aprendo muito toda vez que dialogo com o Jairo, com o Braga. Com o Braga, principalmente. Bom, e de fato, algo acontece de muito interessante. A maneira como ele expôs o texto dele cruza de uma forma muito interessante com o meu texto. Porque ele e eu trabalhamos com esse cruzamento de níveis desde a Antiguidade até hoje. Então em vários pontos a nossa fala vai tratar do mesmo tema.

Ele e eu partimos de um diferencial que é o começo da história da comunicação. Partindo naturalmente da pintura rupestre, que, na minha opinião, dá início ao processo comunicacional. Mas não só isso. Também marca o início de um tipo de tentativa humana de fazer com que o outro participe de uma ideia que é minha e que eu de alguma forma exponho e com-

partilho. Isso cria um certo tipo já de diferencial. Diferencial marcado pela voz, pela imagem, e essa imagem será, digamos, o condutor de um novo tipo de relacionamento humano. Como disse Flusser, essa imagem vai marcar uma primeira divisão do homem e o mundo. Pelo processo da visibilidade e da teorização. Daí para a frente ocorre uma nova mudança, o que o Braga chama de instabilidade. Essa instabilidade vai provocar uma outra mudança, não só na escrita, não só na comunicação, mas também nas relações de poder, porque a Igreja Cristã vai incorporar o texto. O texto vai significar uma nova forma de poder, porque quem domina o texto, quem sabe traduzi-lo, terá agora nas mãos uma ferramenta, e essa ferramenta será um instrumento de poder em sociedade. Este domínio da traduzibilidade vai durar até o século XVI, com a virada civilizatória que vai introduzir o pensamento bipolar com René Descartes e sua proposta de separação do corpo e alma.

Há uma coincidência aí com o surgimento das tecnologias de reprodutibilidade vindas da tipografia. A tipografia será uma revolução. Essa revolução vai mexer com as ideias e conceitos, alterando o quadro da política, da ciência, da religião. Mas ainda não estamos na última fase civilizatória, que vai introduzir na cultura os sistemas de gravação e reprodução que trarão um novo universo para as pessoas. E eu formulo três fases muito claras do processo civilizatório, caracterizadas em três perguntas: a primeira, 'o que quer dizer isso?', que é a fase da escrita; a segunda, então, classificando por importância, tem a pergunta: 'que novo mundo surge agora com os aparelhos?' Terceiro, 'que tipo de homem está se criando no século XX e XXI?'

Então, essas três perguntas modulam essas mudanças dos tempos. Acoplada nelas, há, no século XIX, uma mudança também fundamental. Três mudanças, que são: o homem perde sua posição de privilégio na cultura; o conceito de imortalidade torna-se relativo; surge um novo mundo, uma nova realidade, que é a realidade do mundo criado pelas tecnologias, que é um segundo mundo, um mundo imaginário.

Bom, entrando um pouco no texto de Braga, ele fala do conflito entre Habermas e Marcuse. Mas eu acho que não era esse o conflito principal alemão do século XX, e sim o conflito entre Habermas e Luhmann. Porque Luhmann traz uma outra luz

para a questão da comunicação. Luhmann vem de outra escola teórica, que se baseia nos estudos das teorias contemporâneas, que ele chama de comunicação, mas que não é a nossa comunicação. E essa maneira de ver é nova porque ela se apoia na cibernética, uma cibernética de segunda ordem, que diz que comunicação em princípio não existe. Tampouco informação. Que esses não existem enquanto dados fixos e estáveis, mas como relações. Quer dizer, nós podemos constituir isso ou não, dependendo do relacionamento que fazemos com os outros.

Então, criou-se uma nova interpretação da comunicabilidade, embora baseada numa não existência da comunicação. E esta nova comunicação, ela mais ou menos exclui, impede as velhas interpretações da comunicação. E o que nós temos é uma repercussão daquilo que lá na Europa se fez no começo do século passado. Um conceito que se constrói durante o processo da própria comunicabilidade.

Então, o que quero dizer é que comunicação enquanto metafísica não existe. Metafísica no sentido clássico, aquele que dizia que comunicação é transporte, transferência, de alguma coisa, quando, na verdade, não é nada disso. Não existe transferência de nada. Existem apenas tentativas ou possibilidades de falar com o outro, e o outro vai entender como ele deseja, de forma que os mundos, as mentes, permanecem separados. Era isso em princípio o que eu queria nessa exposição em que estou aqui arranjando as ideias, sem roteiro, só tentando recompor o mapa do que eu expus no texto gravado.

José Luiz Braga: Pergunto então ao professor *Ciro*, se considerarmos que as aprendizagens podem ser inventivas e produtivas de realidade social, ou seja, que a construção comunicacional da realidade implica o desenvolvimento de estratégias para enfrentar os problemas da própria sociedade, eu faço duas perguntas correlatas a partir dessa base: primeira, que experimentações sociais seriam possíveis para responder a sua pergunta a respeito do que virá a ser esse homem do século XXI? E a segunda, qual pode ser o papel da universidade, dos professores e de todos que participam dessa experiência milenar para enfrentar os problemas que você apontou?

Ciro: Muito obrigado, Braga. Como sempre, uma pergunta bastante complexa que não facilita muito o respondedor. Bom, são essas duas perguntas acopladas à questão atual. E que experimentações serão possíveis para o homem no século XXI. Bom, eu não sei exatamente o que está entendendo por experimentação.

Braga: Eu complemento, Ciro, lembrando, quando falo experimentações sociais, que alguns textos que tenho lido, inclusive de sua produção, que eu aprecio particularmente, são aqueles em que você trata de experimentações feitas com os seus estudantes. É o que me inspirou a fazer essa pergunta.

Ciro: Entendi. Sim. Estudantes, para mim, são os meus ratos de laboratório. Isso é uma forma pouco justa para com eles, mas eu tive bons resultados. Por que isso? Quando eu publiquei a nova teoria, tive dificuldade de colocar pessoas que praticassem, colocassem em prática essa teoria. Isto há 11 anos atrás. Aí me surgiu a ideia: bom, talvez os meus estudantes, que são estudantes mais ou menos maduros, poderiam arcar com essa possibilidade social da teoria. E propus a eles que fizessem essa experimentação, como você está falando, em termos de 'vamos ver como isso se dá na prática'. E isso, em princípio, deixou os estudantes assustados, mas, depois, no final, eles constataram que foi uma experiência extraordinária e saíram muito satisfeitos porque não tratava de uma pesquisa clássica, ao contrário, de uma pesquisa em que todos nós aprendemos algo. Isso para mim foi a grande vitória nesse procedimento. Porque foi uma pesquisa reveladora de muitas coisas. Coisas que não constavam nos livros e que não eram conhecidas até então. E que eu poderia dizer que estávamos constituindo saberes. Por isso que eu escolhi esses alunos na universidade.

Segundo ponto, "qual é o papel de universidade nisso?". Bom, essa pergunta já se encavala na outra. Porque a pergunta é exatamente qual é o papel da universidade hoje. Eu acho que a universidade só existe por este motivo. Para interferir no social, no cultural, no político, ideológico, etc. Aí interfere o saber universitário, e aí eu acho que é o único papel efetivo, real, da universidade. Era isso. Não sei se o Braga está satisfeito.

Braga: Com certeza. Sim, com certeza.

Ciro: Para o Braga, eu faria aqui o jogo do pingue-pongue, devolvendo para ele a pergunta: o que a própria teoria que ele está desenvolvendo interfere ou não no saber e no conhecimento prático? Quer dizer, até que ponto existe uma interface produtiva entre o que ele escreve, como um excelente teórico, e a comunidade em geral, a sociedade, em que medida a sociedade absorve, incorpora, usa isso o que ele produz? Essa seria minha pergunta.

Braga: Ok. Vamos tentar, **Ciro**. Vamos tentar. Na verdade, eu não tenho uma teoria geral da comunicação. Eu acredito que a comunicação se desenvolve e ainda se desenvolverá por um longo tempo através de teorias intermediárias. Mesmo as teorias consideradas teorias gerais da comunicação são intermediárias no sentido de que não conseguem abranger toda a complexidade do fenômeno comunicacional. São teorias intermediárias. Pois bem, a minha perspectiva é que é necessário apreender o que está acontecendo na experimentação social, concentrando, por exemplo, na questão das redes digitais. Nós percebemos que a sociedade está experimentando intensamente. Uma boa parte dessas experimentações não são favoráveis à civilização. Por exemplo, experimenta-se hoje fortemente no Brasil e no mundo, são feitas experimentações com *fake news*, com discursos de ódio. São experimentações com as *affordances* tecnológicas. Ao mesmo tempo, temos experiências excelentes em produtividade e criatividade. É necessário compreender as lógicas internas de tais experiências. As boas e as más experiências, porque é necessário fazer uma crítica específica e interna de cada processo experimental, e acredito que esse seja o único modo para tentar reforçar as boas experiências e para desmontar as experiências que são contrárias à civilização.

Eu acredito que nós passamos hoje um período, essa instabilidade do período atual, que corresponde a um grande perigo para a civilização. E eu acho que a situação política mundial com o avanço da extrema-direita é fortemente relacionada ao nosso desconhecimento dos riscos da midiatização. E, portanto, o importante é agora desenvolver sistemas críticos não simplesmente contra as experiências negativas, mas contra as próprias lógicas que sustentam essas experiências. E para isso é necessário que a universidade compreenda detalhada e especificamente cada experiência social que é feita no quadro da midiatização.

Então, esse é o nosso trabalho. Eu diria que é de ordem praxiológica do conhecimento comunicacional. Não basta o conhecimento profundo das tecnologias, que é importante, mas é necessário saber o que a sociedade está fazendo, eventualmente de modo equivocado com estas *affordances*, com essas funcionalidades da tecnologia. Eu acho que é isso, *Ciro*, que mais ou menos sintetiza o que eu penso. É isso.

Jairo: Muito obrigado, *Braga*. Muito obrigado, *Ciro*. Nós, na medida em que andamos aqui, eu já estou, no andar da carroça, organizando aqui as melancias. Pois bem, então nós vamos ajustar o andamento da conversa. Eu tomo a liberdade para convidar o professor José Luiz Aidar Prado a fazer a sua pergunta online. Por favor, *Aidar*.

Aidar Prado: Olá. Na verdade, eu coloquei no chat aqui, mas vou ler para o *Braga*, mas atravessa um pouco a fala do *Ciro* também. Eu gostei muito da tua ideia de aprendizagem, ligada ao enfrentamento de crises, o que me leva a pensar a ideia de acontecimentos como a abertura de novos mundos. Mas eu penso ser necessário caracterizar essa aprendizagem para além do puramente cognitivo. Ou seja, não apenas no nível da informação e do cognitivo, mas de um saber que considere o sensível, o corpo e o inconsciente. Isso exigiria pensar o sujeito não a partir da posse de atributos, mas como lidando com a indeterminação, e aí talvez isso conectasse mais com o Honneth do que com o Habermas. E aí eu pediria só para você comentar um pouco essa direção da aprendizagem, que eu acho que cruza também com a tua ideia de experimentação. Não seria uma experimentação puramente cognitiva, mas uma experimentação que tivesse esse registro acontecimental.

Ciro: Eu achei muito interessante o *Aidar* trazer esse questionamento porque para mim também pareceu que o *Braga* havia dado uma ênfase muito grande na questão cognitiva. Eu também sou favorável a um olhar que desvia ou que amplia as preocupações para o sensível, para o corpo, para o inconsciente, ou, como se falou aí, para o indeterminado, sobre a indeterminação. E isso nunca havia sido efetivamente explorado por nossa área do conhecimento. Estivemos muito tempo ligados a isso que se tratou aqui como racionalidade, que a racionalidade é que explicava, entre outras, a comunicação, quando, na verdade, minha

posição é que esses conceitos não são aplicáveis. Nós não explicamos, nós não damos um parecer sobre isso. Nós estamos sentindo e de alguma forma tentamos expressar isso por meio da arte, por meio de fórmulas não convencionais de comunicabilidade, que se expressam de uma maneira indireta pela arte, pela comunicação, pela poesia, pelas manifestações até então tidas como menores na nossa área. Bom, não tenho muito mais o que dizer a respeito, mas é um tema que eu invisto bastante nele. Era isso.

Jairo: Muito obrigado, *Ciro*, muito obrigado, *Braga*. Professora *Isabel*, por favor, queira apresentar a sua pergunta. Pode apresentar em inglês ou português, como queira.

Isabel Löfgren: Muito obrigada pelas falas, muito obrigada pela exposição de vocês, é muito interessante poder voltar para as raízes de onde estamos agora. Então, eu acho que às vezes esse tipo de discussão nós levamos adiante nas nossas aulas, nas nossas escritas. Então, acho interessante nós nos aprofundarmos no porquê, em primeiro lugar, entramos nessa disciplina. Eu concordo que temos que olhar mais a fundo sobre a mediação que está ocorrendo agora, que há o risco de ficarmos entendendo os efeitos e as reações, em vez de agirmos, de sermos proativos, em vez de propormos soluções, ficamos na apatia da reação. Então, esse é um desafio para nós, se pudermos chamá-lo de o fenômeno da mediação, e gostaria de perguntar, uma pergunta geral, como você enxerga nós pesquisadores no papel importante de propor novas epistemologias? Para que não caiamos na situação de somente analisarmos o que está acontecendo, na armadilha.

Ciro: Quero dizer que a pergunta é muito importante, não só para ela, mas para todos nós pesquisadores. Uma pergunta que eu acho que incomoda a todos nós. Porque nos provoca, nos faz pensar o que que nós estamos fazendo efetivamente na universidade. Porque para que não se torne um trabalho meramente burocrático, que eu acho que é a angústia de todos nós e que precisava a cada momento ser trabalhado. Eu particularmente fui atacado por esse tipo de inquietação que me levou a repensar a questão da comunicação. Porque os meus estudos anteriores eram estudos dispersos em relação a seu objeto. Então, uma vez que eu tinha retornado ao Brasil, aí me veio a constatação de que precisava realmente ir a fundo em alguma coisa.

Dáí eu escolhi exatamente essa questão, a comunicação. É preciso trabalhar nesse tema em que todo mundo fala e parece que ninguém se entende. Que havia uma grande, um uso muito pouco preciso dessa palavra e que os estudos, eles terminam indo para outros campos, tipo sociologia, política, psicologia, história, mas que não se concentrava exatamente nesse objeto. Dáí pensei: é preciso ir a fundo nisso para oferecer ao campo uma proposta. Foi o que eu fiz, o que eu tentei fazer durante esses últimos 21 anos, desdobrando o conceito de comunicação desde a Antiguidade, e para mim isso foi uma ocupação que preenchia essa questão.

Propus uma teoria que não era só analisar, como foi citado aqui, simplesmente a repetição do que os outros já falaram. Eu propus alguma novidade na área com a nova teoria e isso me deu essa tranquilidade, essa paz, essa serenidade de um *descobrir*. E me fez de alguma forma fixar-me num tema específico, que justificava minha ação acadêmica. Era isso.